

# O PANORAMA.

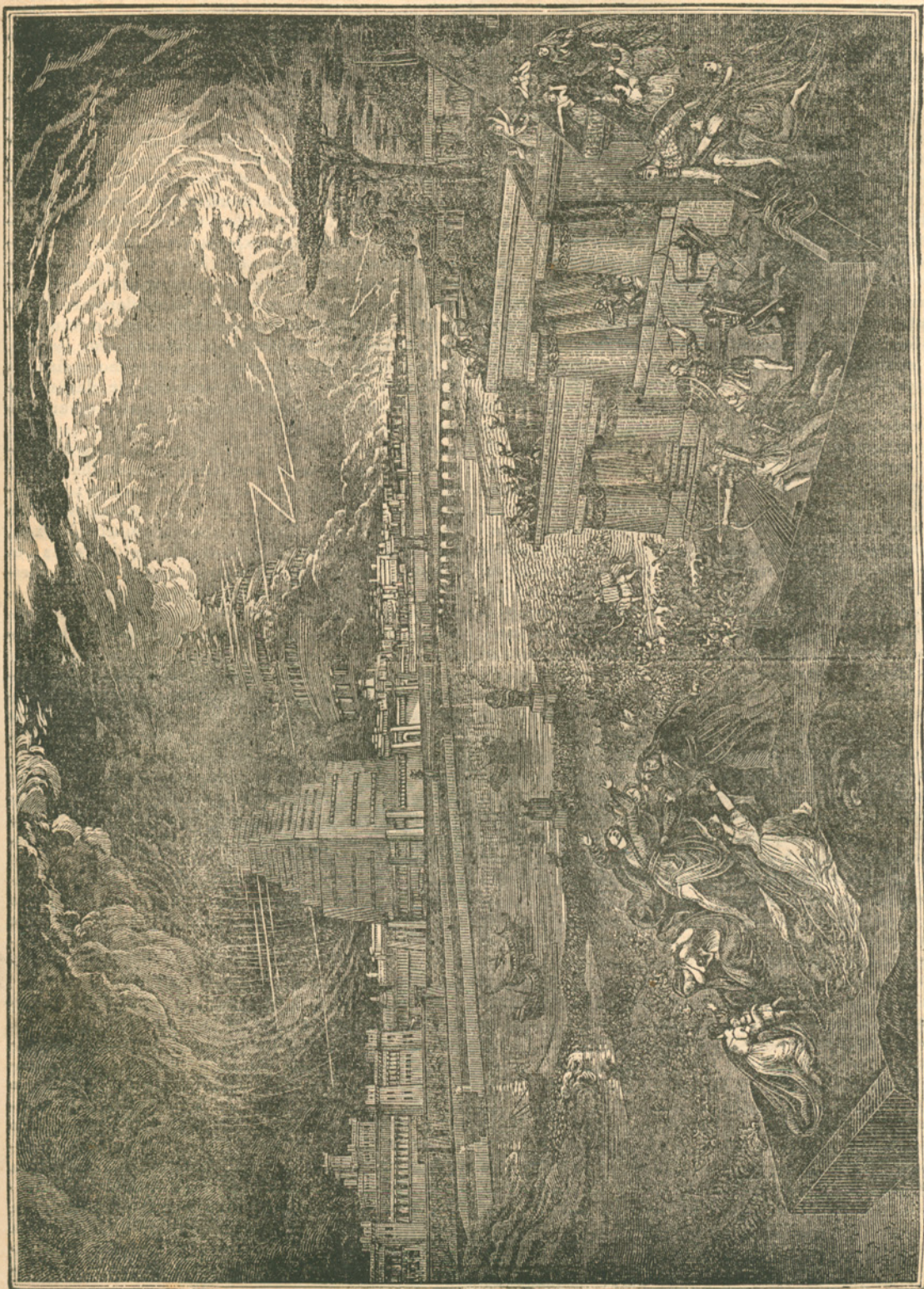
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

121)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 24, 1839)



A DESTRUIÇÃO DE BABYLONIA, — Cópia d'um quadro de Mr. Martin.



## BABYLONIA.

ENTRE os nomes de famosas cidades, que a historia transmittiu aos nossos tempos, por certo que nenhum nos é tão familiar como o de Babylonia; nenhum, como este, suscita tantas idéas de grandeza maravilhosa, de irresistivel poder, e de incalculavel povoação, e ao mesmo tempo de libertinagem e confusão: estamos acostumados a exclamar—que Babylonia! quando ouvimos fallar de uma cousa grande, mas desordenada. Este nome acha-se em infinitos logares dos livros sagrados, sempre n'um sentido quasi hyperbolico; e a historia profana casou as duas idéas—Babylonia e maravilha.

Esta celebre metropole do imperio dos chaldeus foi fundada nos tempos primitivos: muito posteriormente a famosa rainha Semiramis a cercou de muralhas, obra tão estupenda que alcançou o primeiro logar entre as sete maravilhas do mundo, que numerava a antiguidade; os successores de Semiramis como á porfia a engrandeceram, até que no reinado de Nabucodonosor e sua filha (600 annos antes de J. Christo) chegou ao mais alto grau de magnificencia, esplendor e gloria, como não consta de outra cidade em todo o orbe. Situada n'uma vasta e formosa planicie, a dividia em duas porções iguaes o grande rio Euphrates correndo de norte a sul espaço de quatro leguas entre muralhas de cantaria: a sua circumferencia abrangia desoito leguas. Tinha cincoenta ruas; 25 de norte a sul, e outras 25 que as atravessavam em linhas rectas, todas de mais de 4 leguas de comprimento: eram cem as portas, de grandeza prodigiosa, e d'enorme peso por serem de metal fundido, havendo uma no principio, outra no fim de cada rua. As duas partes da cidade communicavam-se por uma ponte de pedra de extensão e solidez convenientes. Para impedir as inundações que um rio tão caudaloso poderia causar, abriram dois canaes mais acima da cidade, para que as aguas superabundantes do Euphrates corressem ao Tigres, cujo nivel era mais baixo. Os materiaes necessarios para estas obras assombrosas foram extrahidos da parte occidental da cidade, e os historiadores antigos nos affirmam que as excavações faziam uma caldeira ou lago de 13 varas de profundidade e 15 leguas de circuito. Para as duas cabeças da ponte davam as frontarias de dois palacios magníficos, que tinham communicação por um espaçoso subterraneo, resguardado com fortissima abobada capaz de sustentar o alveo do Euphrates; do que só poderá duvidar quem não tiver noticia do celebre *tunnel* do Tamisa, que a industria ingleza tem effectuado em nossos dias.

O palacio velho que ficava do lado oriental occupava uma área de mais de legua e quarto circumdada por tres muralhas concentricas, porém o palacio novo, do lado opposto, era quatro vezes maior; este encerrava os famosos jardins suspensos, construidos por Nabucodonosor, que se compunham de terrados espaçosos, ao nivel das altas muralhas da cidade, contendo tanta porção de terra propria para a vegetação que as arvores alli cresciam a 50 pés d'altura. Na parte superior dos terrados havia um tanque de capacidade tal que delle se regavam todos os jardins, e a agua subia do rio por meio de machinas. Esta invenção, ou capricho do *poderoso monarcha*, foi levado a effecto só com o fim de agradar á rainha sua consorte, offerecendo-lhe uma perspectiva, que compensasse pela semelhança a falta dos bosques e jardins proximos do seu palacio na Média.

Não distava muito do palacio antigo o templo de Bel ou Jupiter, situado n'uma praça de legua de

circumferencia: no centro do templo havia uma torre immensa com 220 varas de altura, constando de oito corpos, e subindo-se de uns para os outros por escadarias de caracol externas. Era tal a riqueza das estatuas e vasos sagrados que o thesouro deste edificio foi avaliado por alguns historiadores em quatrocentos milhões de cruzados; o que dá uma boa idéa da prodigiosa sumptuosidade e immenso poder do imperio de Babylonia. Foi chamada esta cidade—*a gloria dos reinos, a senhora dos imperios, a cidade aurea*, a admiração de toda a terra: porém o seu orgulho, idolatria e maldades provocaram a indignação do Omnipotente, que decretou que fosse arruinada, como depois se verificou. Herodoto e Xenofonte, distinctos historiadores, deixaram circumstanciada relação dos successos da quédia de Babylonia, e as suas narrações manifestam o exacto cumprimento dos vaticinios de Isaias e de Jeremias; isto é,—que Cyro com numeroso exercito de médos e persas poz sitio á cidade; que os babylonios confiando nas muralhas inexpugnaveis não quizeram sahír a campo; que Cyro desviou o curso do Euphrates para o grande lago, e que as suas tropas entrando pelo canal do rio na cidade se apoderaram della, fazendo horrivel matança, ao tempo que o voluptuoso rei Balthasar se banqueteara com seus validos. A destruição foi espantosa, e lastimoso o fim da opulenta cidade, para escarmento de devassos e exemplo do pouco que valem as glorias e vaidades mundanas.

Apoz tamanho estrago, Babylonia, feita tributaria, foi rapidamente decaído; as muralhas foram rebaixadas tres quartos da primitiva altura; e abandonadas as prezas do rio, foram as aguas destruindo parte da cidade. Ultimamente a saqueou Xerxes, um dos successores de Cyro no throno da Persia; os templos foram despojados das suas riquezas e as estatuas de metaes preciosos fundidas para acudir ás precisões do governo depois da louca expedição contra a Grecia, e a vergonhosa fuga d'aquelle monarcha.

Quando Alexandre Magno conquistou depois Babylonia, intentou restabelecê-la ao esplendor antigo; empregou logo dez mil homens na reparação dos diques, mas a morte prematura do grande conquistador, 323 annos antes de Christo, impediu a execução do projecto. As immensas conquistas feitas por Alexandre ficaram por sua morte em tal desordem que os escriptores antigos por mais de dois seculos deixam de fazer menção desta portentosa cidade. Húmero, rei dos parthos, veio por fim arrazar os mais nobres monumentos das artes que ainda subsistiam em Babylonia, de fórma que, no começo da era christã, cultivava-se o assento da cidade, como campos de lavoura, até que no seculo 4.<sup>o</sup> foi convertido todo o terreno cercado em tapada de montaria para recreio dos soberanos da Persia.

Passaram mais de doze seculos sem que se podesse atinar com o verdadeiro local de Babylonia, até que no 14.<sup>o</sup> o descobriram, e descreveram as ruinas com toda a exactidão varios viajantes intelligentes, como confirmam escriptores mais modernos, e até recentissimos (\*) que as tem visitado. Immensos montões d'entulho, a 48 milhas inglezas para o sul de Bagdad, indicam o sitio, que occupavam soberbos palacios, cujos salões magestosos são agora hediondos covis de feras; por outra parte o Euphrates, livre do freio das prèzas que lhe reprimiam a corrente arrebatada, reduziu a brèjos a maxima parte das ruas, cubertas antes d'edificios, ficando inteiramente inacessiveis depois da inundação an-

(\*) Vid. *Researches in Assyria* de Ainsworth, 1838.

nual do rio. O templo de Bel ou Belo distingue-se todavia, dando testemunho evidente da sua primitiva vastidão, porque a serra que formam as suas ruínas tem actualmente 250 pés de elevação: e o prospecto que do alto se avista é a mais completa pintura de assolação, que pôde conceber o mais ousado artista. Desappareceram tantas grandezas do passado; e em lugar dos echos da tumultuosa multidão que atulhava as praças e mercados, apenas resoam de tempos em tempos os passos de raros viajantes, ou os bramidos dos animaes selvagens que se acoitam nas cavernas da solidão.

#### SOCIEDADES DE TEMPERANÇA.

O ABUSO de bebidas espirituosas he huma grande causa de prodigalidades, de desordens, de rixas, e até de crimes, principalmente nas numerosas classes inferiores da Sociedade.

São portanto mui louvaveis e dignos de imitação os esforços que se teem feito para diminuir os funestos effeitos e as frequentes victimas de tão pernicioso abuso.

Para este fim se instituiram as sociedades de temperança, de que os Estados-Unidos da America parece terem dado o primeiro exemplo.

Os habitantes de hum concelho, ou de huma comarca, que desejam formar huma sociedade de temperança, ajuntam-se em lugar determinado; obrigam-se a abster-se de todo o liquor forte, e a fazer que os seus subalternos pratiquem a mesma abstinencia. Todos os que se sujeitam a esta obrigação ficam sendo membros da nova sociedade: estes nomeam hum chefe, que se encarrega d'admittir novos aggregados.

Aos chefes incumbe indagar: 1.<sup>o</sup> qual seja o consumo annual dos liquores fortes no districto, ou comarca respectiva. 2.<sup>o</sup> Qual a influencia que tem o abuso destes liquores na moralidade dos povos, e na paz, prosperidade, e felicidade das familias e dos individuos. 3.<sup>o</sup> Os effeitos que já se teem obtido ou se devem esperar da sociedade. Cada anno se lê em assembléa da sociedade, e se regista o resultado destas indagações.

Na America se teem alistado nestas sociedades pessoas de muito respeito e influencia, esperando levar apoz de si a opinião publica, empenhar em certo modo a vaidade na causa da moral, e fazer huma saudavel mndança nos habitos viciosos do povo.

Na Irlanda já se acham estabelecidas ha alguns annos estas sociedades, com muito notavel aproveitamento: e o mesmo se tem realizado na Escossia.

As ultimas noticias que temos podido obter das sociedades de temperança são as seguintes.

#### Nos Estados-Unidos da America.

Havia no anno de 1828 375:000 individuos dados á ebriedade, e conhecidos por taes. Nas 12:000 igrejas dos Estados havia cada anno 15:000 pessoas excommungadas por embriaguez habitual, e pelos outros vicios que della nascem. Nas grandes cidades havia por cada 12 familias huma taverna de agoardente. Cada anno se commettiam nestas tavernas 500 mortes, por effeito da intemperança, e das rixas que ella trazia comsigo.

Ao presente ha nos Estados-Unidos 21 grandes sociedades de temperança, e mais de 4:000 sociedades secundarias.

Contam-se mais de 500:000 pessoas que formalmente se obrigaram a total abstinencia de liquores espirituosos, e 1:500:000 pessoas que observão esta completa abstinencia.

Contam-se mais de 600 navios que sahem dos portos da America sem levar a bordo liquores espirituosos para as tripulações.

Teem-se fechado mais de 1:500 fabricas de distillação: e algumas 200 hospedarias, e casas de pasto, teem deixado de vender todo o genero de liquores espirituosos. Mais de 4:000 pessoas, dadas habitualmente ao vicio da embriaguez, e por taes conhecidas, se teem emendado.

#### Na Irlanda e na Escossia.

Na Irlanda calcula-se que só na cidade de Belfast diminuiu o consumo da agoardente de genebra 15:000 medidas (*gallons*) nos seis mezes que decorreram des de 3 de Janeiro até 5 de Julho de 1831, comparados com o dos seis mezes correspondentes do anno anterior. E em toda a Irlanda foi a diminuição do consumo, dentro do mesmo espaço de tempo, de 721:564 medidas (*gallons*).

Na Escossia tambem tem havido consideravel diminuição no consumo d'aquella bebida, e calculam-se em 43:000 pessoas as que, na Irlanda e na Escossia, se acham alistadas nas sociedades de temperança.

Estes bons effeitos devem excitar á imitação, aonde fôr necessario. Os Governos poderão obter excellentes resultados, augmentando os direitos sobre a venda de liquores espirituosos nas tavernas. Os chefes de manufacturas conseguirão o mesmo fim por meio de prudentes regulamentos em suas officinas. A caridade christã auxiliará com vantagem estes esforços pela persuasão, e por adequados estímulos, e bons exemplos, — (F. F. A. C.)

#### CRAESBEECK.

ESTA familia he originaria do condado de Flandres, onde tem o seu solar na cidade de Anvers. Foi o seu primeiro progenitor Guilherme Craesbeeck, valoroso soldado, que se achou na batalha de Pavia com o imperador Carlos V., a quem serviu com muita honra, pelo que o fez fidalgo de solar conhecido, e lhe deu brasão de armas, passado em Anvers a 4 de Abril de 1545.

Pedro Craesbeeck, filho terceiro de Pedro Craesbeeck, primogenito de Guilherme, foi o primeiro que veio a Portugal em 1580, e viveu na cidade de Lisboa, aonde estabeleceu a officina typographica craesbeeckiana.

ElRei D. Felipe, attendendo ao seu grande serviço, lhe concedeu os privilegios de cavalleiro da sua caza, por Carta de 25 de Outubro de 1617, com as mesmas honras, graças, liberdades, e isenções, que elRei D. Manoel tinha concedido a Jacob Cromberger, quando em 1508 o fizera vir a Portugal para imprimir as Ordenações do Reino.

Cazou Pedro Craesbeeck nesta cidade com Suzanna Domingues, de Béja, de quem teve Lourenço Craesbeeck, que cazou no Campo de Coimbra, e Paulo Craesbeeck.

Este Paulo foi pai de outro Pedro Craesbeeck, que serviu na guerra da Acclamação, e se achou na batalha de Montijo, e foi alferes, e capitão de mar, e guerra, em cujo posto passou no galeão N. Senhora da Penha de França á Restauração de Pernambuco, debaixo do mando do General Francisco de Brito Freire no anno de 1655, como diz o mesmo General no livro, que compoz, da *Historia Brasili-ca*, na Armada da companhia do commercio pag. 37 num. 8. Este Pedro Craesbeeck cazou na cidade do Porto com Marianna Garcez, irmã do Doutor

Christovão Ferreira Garcez, secretario do marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes.

Teve dous meos irmãos, Antonio Craesbeeck de Mello, que vive nas suas cazas na rua dos Espingardeiros, e Diogo Soares Craesbeeck, que vive no Porto, aonde cazou, e é cidadão d'aquella cidade.

Tambem é irmã inteira destes ultimos Maria Craesbeeck, que está cazada com Miguel de Sousa Ferreira, e vivem a S. Paulo, defronte da porta da Ribeira da Junta.

O P.<sup>o</sup> Fr. João Craesbeeck, beneditino, D. Abade do seu collegio de Santarem, tambem é irmão da sobredita, e a todos conhego, e conheci seus pais, e avós, acima nomeados, que se tractam, e tractaram, á lei da nobreza, como descendentes desta nobre familia de Craesbeecks. — (*Extrahido de huma Memoria Genealogica contemporanea*).

#### OS CABELLOS.

OVIDIO, mestre consumado em assumptos de formosura, compara a cabeça sem cabellos á arvore sem folhas, ou ao campo sem herva. Apuleio os reputava tamanho ornamento e tão necessario que diz não haver belleza que compense a falta dos cabellos. Se Venus, com toda a sua formosura ideal, fosse calva, até o derreado Vulcano fugiria della com aversão. É incontestavel que uma linda trança é dos mais essenciaes dotes de qualquer beldade, não por mero capricho humano, mas por constante regra da natureza, como prova o cuidado universal que o genero humano tem posto em conservar e arranjar este ornato da cabeça. A unica nação a quem a calvice agradou foram os japonezes, gente que parece fazer particular estudo em distinguir-se de todos os outros povos. Estes ilheus arrancam todos os cabellos da cabeça á excepção d'um espaço, pouco maior que a circumferencia d'uma moeda de dez reis, pela parte detraz onde os deixam crescer, fazendo rabicho que puxam para o alto da caveira; porém este resto, fragmento salvo das mãos depilatorias, é conservado com tanta reverencia que o tocar-lhe mão estranha é o maior insulto que pôde fazer-se a um natural do Japão.

Todavia nem todas as castas de cabello gozam de igual estimação; posto que todos, homens e mulheres, concordem na necessidade e vantagens de o ter, variam muito os pareceres ácerca das preferencias dadas a esta ou a aquella côr. Entre os romanos o cabello muito louro era o mais estimado, e o tingiam para lhe dar esta côr, lustrando-o com essenciaes vegetaes, e algumas vezes espargindo-lhe por cima finissimo pó d'ouro para o fazer mais resplandecente. O historiador Josefo diz que os judeus em Jerusalem tinham o mesmo costume, e talvez que os romanos o adoptassem no tempo da conquista da Judea. Os hespanhoes seguiram o mesmo gosto, tendo em tanta estimação os cabellos louros que as mulheres renegavam da natureza quando com a idade se lhes faziam pretos, e para corrigir este defeito recorriam a methodos nocivos, como defumar a cabeça com enxofre e lavar as tranças com agua forte, por isso nos romances daquelle tempo não apparece heroína que não tivesse cabellos como fios aureos; ao passo que as damas d'outros paizes, para darem ás suas tranças a côr naturalmente preta dos cabellos das hespanholas, faziam tinturas de varios mineraes e as applicavam por modo summamente penoso até logra-rem seu intento. O uso de tingir os cabellos já vem d'eras remotas; porque se conta que Alexandre Magno, havendo nomeado para o cargo de juiz a certo

parente de Antipatro seu amigo, como lhe disseram que tingia a barba e os cabellos, mandou logo riscalo da pauta, observando que não fiava tantas cabeças de quem era infiel com a sua.

Parece que os nossos antigos poetas tambem eram apaixonados dos cabellos louros. Ao Camões não esqueceram na pintura de Venus:

Os crespos fios d'ouro se esparziam

Pelo collo, que a neve escurecia . . .

*Lusiad. Cant. 2.<sup>o</sup> Est. 36.*

E Bernardes no — Lima. Ecl. 13. —

. . . . . Lilia mais dura

Que uma inculta rocha, rodeada

Do mar, de cuja furia está segura;

Mais alva que jasmim, e mais corada

Que vermelhas cerejas pelo Maio,

Mais loura que manhaã desentrançada.

Durante a primeira raça dos reis de França o cortar o cabelo a um principe do sangue real equivalia á declaração de o excluir do direito de successão á coroa, sendo naquelles tempos o cabelo comprido particular distinctivo daquella dynastia. Os incas do Perú presavam os seus topetes como o mais nobre ornamento, e ainda hoje os indios do mesmo paiz de qualquer condição soffrerão mais depressa crueis supplicios do que tolerar que lhes rapem a cabeça.

No seculo 12.<sup>o</sup> prevaleceu o costume de trazer o cabelo crescido, mas os bispos considerando esta pratica contraria ao preceito de S. Paulo, prérgaram tão fortemente contra ella que os principes, os cortesãos, e até as classes mais rasteiras da sociedade sacrificaram o luxo de suas tranças. Com o andar dos tempos renovou-se a moda, que durou até morrer de garrote no principio deste seculo, sumindo-se cabelleiras e rabichos, que tendo sido objecto da veneração dos nossos maiores, são hoje a mofa da moderna geração.

#### MAXIMAS DO P.<sup>o</sup> MANUEL RODRIGUES.

Foi o P.<sup>o</sup> Manuel Rodrigues, fundador da Casa da Congregação do Oratorio na cidade do Porto, sujeito de grandes talentos e virtudes; sendo formado em direito civil e canonico, depois de ter regido com applauso uma cadeira na Universidade de Coimbra, e de ter servido varios cargos com publicca acceitação, entre elles o de vereador do senado da camara de Lisboa, largando a beca de desembargador do paço, abraçou o instituto de S. Philippe Neri, em que mereceu ser nomeado preposito da congregação: como tal não só administrou perfeitamente esta familia religiosa, quer no espirital, quer no temporal, mas tambem exercitou fervorosas obras de caridade para com os presos e enfermos, empenhando em beneficio e socorro dos miseraveis a sua muita expedição e actividade, e o seu credito e talentos. Foi tão desinteressado que rejeitou as mitras de Goa e do Porto, que lhe foram offerecidas, assim como se escusou do logar de confessor e mestre da senhora infanta, primogenita d'elrei D. Pedro 2.<sup>o</sup> — Antes d'entrar para a religião escreveu um grosso volume em defeza dos direitos e prerogativas destes reinos. Como era notoria a sua discrição, todos faziam grande cabedal dos seus dictames e sentenças, conservando muitas a tradição, as quaes depois recopilou o P.<sup>o</sup> Bernardes, do mesmo instituto. Citaremos as seguintes. —

— As leis são como téas d'aranha; se cae nellas

uma pedra, rompe-as e fica illesa, se cae uma mosca, ficou presa, e paga o seu descuido ou atrevimento. Assim os grandes zombam das leis, e o castigo de se quebrantarem fica só para os pequenos. —

— Não desejo á minha congregação mais que o sufficiente para passar a vida, porque com o superfluo entrará a falta da observancia. —

— Ninguem diga em particular o que se não acha capaz de dizer em publico. —

— É conveniente subir menos, para subir mais, porque quem sobe de salto a cargo superior com a sua exaltação dispõe a sua ruina, despertando a emulação de seus contrarios para o despenharem. —

— Tres cousas se querem atadas; loucos, negocios e papeis.

Arguindo aos negligentes no estudo, dizia: — Quem estuda muito, sabe pouco; e quem pouco, nada sabe: homem que não é tiful do seu officio, não será perfeito official, nem ajunctará cabedaes.

#### DA NOBREZA DOS ESCUDEIROS E CAVALLEIROS.

O PRIMEIRO titulo de nobreza no nosso Portugal foi o de escudeiro nas pessoas que não tinham jurisdicções, nem terras de que se nomeassem senhores. Porque como em aquellas primeiras luzes do reino se estabeleceu o imperio pelas armas, e a nobreza que então mais se estimava era a que por ellas se adquiria, e as armas que por feitos heroicos se ganhavam na guerra, e se traziam nos escudos com que se pelejava, eram a demonstração da fidalguia mais honrada em aquelle tempo, daqui veio que os que semelhantes escudos de armas alcançavam se chamavam escudeiros, em signal da nobreza que por elles tinham adquirido. E esta foi a origem do nome de escudeiro e não outra. É prova grande desta verdade a muita e grande estimação que nos principios do reino, e ainda muito depois, faziam os nossos portuguezes dos escudos das armas ganhadas por feitos proprios, que podendo pintar nelles os brazões e devisas de seus antepassados iam á guerra com os escudos brancos, tendo-se então sómente por honrados quando chegassem a illustra-los com os brazões heroicos de suas proprias façanhas. Assim sabemos que vindo o conde D. Henrique, progenitor illustre de nossos reis, a servir na guerra de Hespanha contra os mouros, podendo usar das armas da nobilissima casa de Borgonha, donde procedia, trouxe o escudo branco, em que ao depois pintou uma cruz azul, quando por seus feitos entendeu que já o podia fazer. Quando em Portugal não havia guerras, ambiciosos desta honra, passavam a reinos estranhos os portuguezes a ganhar novas armas por cavallerias proprias, como se sabe de muitos, que deixaram o brazão antigo pelo que adquiriram por suas façanhas, tendo por alheia a gloria que lhe grangearam seus avós, e avaliando sómente por honra propria a que adquiriam por suas obras. O mesmo fez, em tempos mais modernos, o grande Duarte Pacheco Pereira, valoroso capitão, que passando á India Oriental, a ganhar muita gloria e galardão nenhum, levou o escudo branco, não querendo usar nelle das armas dos appellidos illustres de que se nomeava, quando com a espada ia adquirir novos brazões em guerra tão louvavel. E assim o teve até que elrei de Cochim lhe deu novas armas, pelas victorias quasi milagrosas que alcançou contra todo o poder d'elrei de Calcut, imperador do Malabar, deixando em aquella terra, e por aquelles mares, sem laminas e sem bronzes, escripto para immortalidade o nome portuguez.

Destes escudos se nomeavam escudeiros aquelles primeiros que os ganhavam, e seus descendentes, que no tempo dos antigos reis de Portugal eram a principal fidalguia do reino, como consta de muitas escripturas e chronicas antigas. Na d'elrei D. Pedro, que escreveu Pedro de Mariz, *Dial. 3.<sup>o</sup> cap. 4.<sup>o</sup>*, se acham as palavras seguintes: *Mandou matar dois escudeiros de sua casa, que eram os fidalgos daquelle tempo.* Nos registos d'elrei D. João 1.<sup>o</sup> se acha que fazendo mercê a Martim Fernandes de Freitas da honra de *Bemviver* o nomea escudeiro. Pelo mesmo modo tracta a Gonçalo Nunes de Faria na doação que lhe fez da terra de Fão.

De escudeiros passavam a cavalleiros, quando depois de alguma batalha, successo ou encontro militar, eram armados cavalleiros pelos reis, ou pelas pessoas a quem elles para isso davam commissão, que ordinariamente eram os ricos-homens. E tambem para subirem a algum titulo, ou entrarem na jurisdicção de algum senhorio, costumavam armarse cavalleiros, velando primeiro as armas em alguma igreja, como fez D. João Affonso Tello, quando elrei D. Pedro o nomeou no condado de Barcellos. Mas assim os escudeiros como os cavalleiros neste reino, sendo de nobre geração, e não feitos por privilegio, eram os fidalgos daquelle tempo, e não havia entre elles outra differença mais que ter ou não ter alcançado o gráu de cavalleria. E assim succedia muitas vezes, como consta de escripturas antigas, ser o pae cavalleiro, e o filho escudeiro. E no instrumento que tirou elrei D. Pedro, para provar o seu casamento com D. Ignez de Castro, se acham pessoas de igual nobreza nomeadas com a differença de escudeiros e cavalleiros, por não terem ainda alcançado o gráu da cavalleria, que em aquella idade era de muita estima, por ser ordinariamente adquirida em actos militares; e costumavam os reis buscar occasiões, e escolher empregos, para nelas armarem cavalleiros a seus filhos, como se acha que o fizeram os nossos em varios tempos.

E não sómente em diversos fidalgos, mas na mesma pessoa se achava muitas vezes esta differença, como se vê nas legitimações dos filhos do Mestre de Sanctiago D. Mem Rodrigues de Vasconcellos, que fez depois de ter já alcançado o gráu de cavalleiro, onde elrei D. João 1.<sup>o</sup> diz que os houve sendo ainda escudeiro. E para tirar toda a duvida a quem ignorar estas antigualhas, até os principes, naquelle tempo, antes de tomar o gráu de cavalleria, se chamavam escudeiros, como se vê de uma carta de elrei D. João 3.<sup>o</sup>, escripta para o infante D. Luiz, seu irmão, onde respondendo á nova que o infante lhe dera do successo da empresa de Tunes, e de como não quizera depois da victoria ser armado cavalleiro pelo imperador Carlos 5.<sup>o</sup>, seu primo e cunhado, diz assim: *Folguei muito de ainda verdes escudeiro, como me dizeis, e espero que a cavalleria seja mui cedo, em logar de que recebaes tão grande prazer, que vos faça esquecer do de agora, e que se vos siga tanta honra como vos desejo.* Do que tudo vimos a entender que não tinham os escudeiros antigos este titulo por falta alguma de nobreza, nem entre elles e os cavalleiros havia na qualidade mais differença que a referida. Mas porque havia escudeiros e cavalleiros por privilegio, ou que queriam gozar delle para se melhorarem do estado plebeu, tractando-se bem, e andando a cavallo, a differença destes, chamavam aos escudeiros e cavalleiros, que eram nobres por geração, fidalgos de vingar quinhentos soldos, porque esta era a pena que pelas leis antigas de Hespanha estava applicada á satisfação da injuria que se fazia a fidalgo de linhagem, como com

outros o adverte o chronista Fr. Francisco Brandão na quinta parte da Monarchia Lusitana.

Em Thomar havia antigamente um galante modo de fazer cavalleiros, como consta de um alvará dos registos d'elrei D. João 1.<sup>o</sup>, pelo qual manda que aquelle costume se observe. Era elle que o que queria casar naquella villa cavalgava em um cavallo com uma lança na mão, levando um alqueire de pão cozido e um almude de vinho, e chegando ao castello dava com a lança na porta, e dizia: *cavalleiro quero eu ser*. Saía a esta voz o alcaide, e cobrava a pitanga, e o noivo voltava para sua casa habil para o casamento: e se o fazia sem satisfazer primeiro a esta cerimonia, levava-lhe o alcaide o oitavo. Praticavam os antigos estes e semelhantes costumes, que agora nos parecem a nós galanterias, assim como muitos dos nossos o poderiam então parecer tambem a elles. — *Samp. Nobiliarch. Port.*

#### O HOMEM PRACTICO BEM EDUCADO.

*Desconfiança prudente.* Mentir e enganar é grande ruindade; — ser tonto e illudido grande desdita. Acreditar tudo é estupidez; — nada acreditar, seria imprudencia. Entre estes extremos encontra-se a bem entendida desconfiança, e a precaução oportuna. O que a procurar e achar se fará um homem practico na sociedade humana.

*Amor a outrem.* Devemos buscar todos os meios de fazer com que nos amem; para o que nos conformaremos com os usos e costumes dos paizes em que vivermos; com os da pessoas com quem tractarmos, e até com o clima aonde nos levou o gosto, a curiosidade, o acaso, ou a necessidade. O hollandez que deixa o seu humido paiz, não deverá queixar-se do calor estivo da Andalusia, ou do Algarve; nem ao chileno que abandona o sereno firmamento dos Andes cumpre murmurar da nebulosa atmosphera de Londres. Todos os paizes tem vantagens e desvantagens; o que sabe aproveitar-se daquellas, e fazer estas mais supportaveis é o homem practico do mundo. *Si fueris Romam, romano vivite more*, é um proverbio que todo o viajante deve levar escripto na tampa do seu bahu, ou mala; e muito melhor lhe será soffrer calado do que offender os outros com queixas importunas: deve esmerar-se em agradar a todos pelo seu tracto; — e os meios de o conseguir são, a modestia nas palavras e acções, o agrado no semblante, o valor sem fanfarrice, o primor e aceio no traje sem affectação, a generosidade bem applicada, o conhecimento das sciencias e artes, e as prendas sociaes.

*Urbanidade.* Damos este nome aos actos de cortesia que praticamos com os outros; e ás cousas que dizem respeito ao decoro e polidez dos costumes e acções, nas quaes ainda que pouco haja que não seja indifferente, comtudo o uso das nações as considera boas ou más. Nas pessoas que viajam é mui vulgar encontrar certo ar de faduidade nos actos de cortesia com que, posto que sejam admittidos no seu paiz, suppoem ficar tidos por cortesãos entre os estranhos. O viajante deve informar-se previamente dos actos de urbanidade peculiares á nação em que vive. Felizmente desde o principio deste seculo tem-se formado um tracto universal entre as nações, desde o rio Neva até o Guadalquivir na Europa; — do rio de S. Lourenço ao da Prata; e até nas costas d'Asia e Africa; e perto vem a epocha em que, além dos actos de boa educação que são geraes a todas as nações civilisadas, e a todas as pessoas bem

creadas, haverá entre as mesmas nações uniformidade em traje, gostos, e maneiras.

Homens ha tão limitados e presumidos que não dão um passo atraz ou adiante do que imaginam serem regras de cortezia; enquanto outros pretendem proscrever do tracto e convivencia social tudo o que a estes dois objectos póde causar o mais leve incommodo e sujeição. O meio justo e razoavel não é sujeitar-se qualquer pessoa ás leis cortesaãs, como um soldado se sujeita ás evoluções militares; mas sim não despresa-las inteiramente, incorrendo em nota de rustico, ou de descarado, que ainda é peor.

*Promessas.* Cumpre prometter com tal parcimonia que fique reserva para dar mais do que o promettido, sem que ninguém seja enganado, como acontece repetidas vezes. O que promette vagamente, julga que o outro interpreta a sua promessa pela menor parte, quando é o contrario o que sempre succede. É da falta de dar ou receber palavras categoricas que removam toda a ambiguidade, nasce o ficarem pouco amigas pessoas que entre si tinham relações. Muitas vezes para adquirirmos uma amizade que nos dá gosto e conveniencia, não duvidamos lançar-nos em extremos de palavras, e ás vezes de obras. A consequencia é que não podendo estes ser duradouros, e afrouxando os meios de que nos valemos, segue-se a inimidade; perde-se o que se gastou; e fica a pessoa com nota de inconsequente, voluvel, e falso amigo.

*Conversação.* Este é o theatro em que o homem bem educado exhibe com gosto e destreza as agradaveis disposições do genio, a força da intelligencia, e os affectos do coração. É uma arte cuja cultura, como a dos jardins, enriquece o terreno, vigora as plantas, e faz produzir flores e fructos a arvores que, sem ella, seriam estereis. Não ha scena mais agradável do que a sociedade de gente culta, quando assume um character superior á vida commum, sustentando-o com familiaridade e tino. É assim que os corações se communicam: — o seu orgulho, grandeza, e affectos tornam-se amaveis por meio de palavras lisonjeiras. Uma adulação manifesta póde agradar a quem não conhecer o mundo, porém será sempre fastidiosa a homens generosos e livres. Mas quem resistirá á disposição que dá aos outros a superioridade, com tal delicadeza que custa a discriminar o cumprimento de civilidade do que o não é? A modulação e o tom da voz: — a communicação das idéas: — e o gesto não affectado são qualidades da conversação que enlevam a alma.

Outra origem de prazer na conversação é o chiste e a agudeza, cousas que nem todos apreciam igualmente. — Podem servir com vantagem, quando a conversação não é interessante, uma vez que bem se dirijam, porque é difficil causar riso a uma pessoa sem que seja á custa de outrem. O merito da agudeza consiste em tocar os limites da loucura, malicia, ou indiscreção, sem nunca os penetrar ou ultrapassar — em sempre nos conservarmos em nossa esphera, sem sair do circulo da amisade, e bons termos. Gostamos do chiste pela mesma razão porque gostamos de outras distracções; — não pelo valor da cousa, mas porque a mente, se não póde estar sempre em profunda reflexão, tambem não póde deixar de empregar-se em alguma cousa. Tanto os que gostam ou usam continuamente de chistes, como os que só curam de diversões, revelam um genio frivolo, incapaz de pensar.

Julga muita gente que ao chistoso e agudo é dado escrever com a mesma graça — enganam-se. O genio frivolo é diametralmente opposto ao verdadeiro engenho, que só se exercita na meditação. A jo

vialidade do escriptor é filha de muita reflexão, litteratura, trabalho, e exercicio; e a de um palrador é inimiga de tudo isto, porque diz levemente o que lhe occorre á fantasia.

Devemos confessar com expressões delicadas e finas a nossa ignorancia em qualquer ponto de sciencia, fenomeno, ou discurso; e nunca comprova-la com disparates. A maior parte dos circumstantes terão talvez sobre a materia iguaes conhecimentos, e nesse caso uma sincera e engraçada confissão equivalerá á apologia dos outros. Se todos entenderem do assumpto, confessaremos que por infelicidade não pertencemos a esse grémio, mostrando-lhe o prazer que sentimos em com elles aprender.

Ninguem diga cousas fabulosas de viagens ou occorrencias com a mira em captar a attenção; pois quanto mais maravilhoso for o que contar, mais occasião terá de repeti-las, e então uma contradição inevitavel descobrirá a mentira, convertendo em desprezo os louvores antecedentes. Narrem-se, portanto, as cousas como succederam, se honram alguém; e cale-se, se são indifferentes. Se uma expressão incauta, ou uma pergunta inconsiderada pede que se digam verdades prejudiciaes a alguém, melhor será que o mais profundo silencio a cubra de desprezo. A mentira formal seria descoberta; a confissão absoluta, imprudente e vergonhosa; por consequencia o unico meio que se deve seguir é soltar uma expressão ambigua, deixando duvidosa a verdade, ou valer-se de algum incidente favoravel, na occasião do successo, para desculpar-se.

*Adulação.* A adulação é vicio vergonhoso para o que a pratica, e damnoso á pessoa a quem se dirige. O louvor exaggerado das nossas boas qualidades sempre procede de vaidade pueril. Se nos for devido, não bastará que todos o reconheçam, sem que o ouçam da nossa boca? O elogio que fizemos aos outros sobre objectos em que tenham merito indisputavel, por exemplo a nobreza de nascimento — as acções gloriosas — os dotes corporaes e intellectuaes, não entrando servilismo, será justo, porque manifesta nesse respeito estima e admiração. Congratular uma pessoa que acaba de cantar, ou de mostrar outra habilidade, é cortesia, se o executou soffriavelmente; — applaudi-la se desenvolveu merito subido, é obrigação. Não ha adulação quando é verdade o que dizemos, nem quando dizemos o que cremos: — nesse caso não existe intento de enganar. Quando quizermos elogiar qualquer pessoa, sempre nella acharemos um merito; porém exalta-la contra a verdade dos factos, não é só adulação — é insulto.

#### FAUSTO D'UM BANQUETE REAL NO SECULO 15.<sup>o</sup>

O nosso rei D. João 2.<sup>o</sup>, casando seu filho, o principe D. Affonso, em 23 de Novembro de 1490, com a princeza D. Isabel, filha de elrei D. Fernando o catholico, mandou fazer, para celebrar estas nupcias, extraordinarios festejos e pomposas demonstrações de alegria, com profusa ostentação de grandeza, tanto em espectaculos publicos, e bailes singulares, como em luxo de meza pela copia e singularidade d'iguarias. Foram sobremaneira esplendidos e raros os banquetes que deu em Evora; e para que os nossos leitores delles façam idéa, mencionaremos aqui a seguinte curiosa particularidade transcripta da chronica daquelle monarcha de Garcia de Resende, cap. 123 — "*Logo á entrada da meza veio uma grande carreta dourada, e traziam-na dois grandes bois assados inteiros com cornos e mãos e pés dourados, e o carro vinha cheio de muitos carneiros*

*assados inteiros com os cornos dourados, e vinha tudo posto n'um cadafalso tão baixo com rodetas no fundo delle, que não se viam, que os bois pareciam vivos e que andavam. E diante vinha um moço fidalgo com uma aguilhada na mão, picando os bois, que parecia que andavam e levavam a carreta, e vinha vestido como carreteiro com um pelote e um gaião de veludo branco forrado de brocado, e assim a carapuça, que de longe parecia proprio carreteiro, e assim foi offerecer os bois e carneiros á princeza, e feito o serviço, os tornou a virar com sua aguilhada por toda a sala até sair fóra e deixou tudo ao povo que com grande grita e prazer foram despedaçados, e levava cada um quanto mais podia. E assim vieram junctamente a todas as mezas pavões assados com os rabos inteiros, e os peçoços e cabeça com toda sua penna, que pareceram muito bem, por serem muitos, e outras muitas sortes de aves e caças, manjares e frutas, tudo em muito grande abundancia e muita perfeição.*

Remataremos este breve artigo, confirmando a notoria verdade de que nem a grandeza e poder isentam das miserias e desgraças humanas. Tanta pompa e prazer no casamento de D. Affonso em menos de sete mezes se converteu em lucto; porque este principe, unico filho legitimo, na florescente idade de 16 annos, correndo pelas margens do Tejo juncto a Santarem, deu tão desastrada queda do cavallo abaixo, que veio a exhalar o ultimo alento deitado n'uma cama de palha na cabana d'um pobre pescador, a 13 de Julho de 1491, nos braços da sua consternada familia.

#### O SOMNO.

ENTRE as muitas mortificações que o orgulho do homem a cada passo encontra, a principal é a ignorancia das causas e effeitos communs; defeito tanto mais sensivel quanto maior é a diligencia que fazemos por desvanecer-lo. Os entendimentos superficiaes confundem ordinariamente o effeito com a causa, e julgam conhecer a fundo a natureza das cousas se alcançam saber qual é a fórma dellas, e o seu uso; porém o especulador que se não satisfaz facilmente com idéas vagas, cansa a sua curiosidade: e quando lhe parece ter já descoberto muito, fica então conhecendo quão limitados são os seus conhecimentos.

O somno é um entorpecimento em que se passa boa parte da vida. Não ha animal conhecido, cuja existencia não tenha certos intervallos de insensibilidade; e até alguns modernos philosophos estenderam o imperio do somno ao reino vegetal: porém ainda ninguem atinou com a causa efficiente, ou final desta alternativa tão frequente, tão importante, tão geral e necessaria; ainda se não sabe por que força irresistivel ficam por muito tempo o espirito e os membros n'um estado tão parecido com a morte.

Seja qual fôr a multiplicidade e differença d'opinões sobre este objecto, sempre a natureza tem zombado das theorias. O mais sollicito observador não será capaz de conservar os olhos por muito tempo abertos: o disputador mais teimoso é obrigado a largar a controversia quando sôa a meia noite; e tanto o homem jovial como o triste, o esperto como o tolo, o fallador como o taciturno, o trabalhador como o ocioso, todos cedem áquelle poder benigno, e repousam nos braços do somno.

Tem muitas vezes a philosophia diligenciado reprimir a soberba, insinuando que a todas as dignidades e condições nivela a morte; mas esta idéa,

posto que humilhe o homem feliz, não pôde confortar o desgraçado, a quem será mais jucundo o pensar que o somno, assim como a morte, iguala todas as creaturas: lembrando-se no meio de suas fadigas de que não dista muito a hora em que o balsamo do repouso se derrame sobre todos os viventes, qualquer que seja a sua idade, sexo, ou estado.

Refere-se de Alexandre Magno que, no meio de suas soberbas conquistas, e cercado de tanto esplendor, declarára que sómente se recordava de que era homem quando tinha precisão de dormir. Seja o somno necessario ao espirito ou seja necessario ao corpo, sempre é evidente documento da fragilidade humana. O corpo, que tão frequentemente exige renovação de forças, não dá provas de immortalidade; e o espirito, que se deixa gostosamente cair na insensibilidade, está mui longe da verdadeira felicidade.

Nada é tão capaz de reprimir as violentas paixões, perturbadoras da paz do mundo, como a recordação de que muitas vezes sem querer se desce da mais alta esphera ao mais inferior abatimento; de que não poucas deixamos voluntariamente os bens da vida para nos envolvermos nos seus males; e de que n'algumas horas todo o esplendor esmorece a nossos olhos, os mais lisongeiros louvores perdem-se para os nossos ouvidos, os sentidos ficam estranhos aos objectos, e a razão permanece inactiva.

Que são pois neste mundo, e a que se reduzem todas as esperanças e magnificencias, que traz consigo a cubiça, a ambição e a rapacidade? Deixai que o ambicioso consiga quanto deseja, vereis que nunca chega a estado tal que por um dia e uma noite se repete satisfeito, sem ter algum intervalo de repouso e esquecimento da vida, ainda quando estivesse na sua mão deixar de dormir.

Miseravel loucura é um homem invejar a fortuna de outro, quando ainda este não está com ella satisfeito. Rasão ha para acreditar que as distincções humanas teem mais de apparencia que de realidade, pois que todos em geral se reputam mais cheios de cuidados que de prazeres, e que tanto o forte como o fraco, tanto o sabio como o ignorante concordam n'um desejo universal, qual é o implorar da natureza o doce nectar do esquecimento.

É tão forte o appetite que temos de abstrahir-nos de nós mesmos, que bem poucos ficam satisfeitos só com a porção de somno que basta para descanso do corpo e do espirito. O já citado Alexandre junctava a intemperança ao somno; e com os vapores do vinho alliviava o peso do sceptro do mundo: quasi todos teem seu methodo particular para dissuadir as idéas do seu estado presente.

Não é muita a porção de vida que applicamos a nossos deveres: e cada dia deixamos fugir muitas horas sem proveito algum intellectual. Andamos muitas vezes occupados em illusões fantasticas, que seremos pouco depois obrigados a deixar para sempre, sem sabermos em que temos gasto a vida.

Alguns ha que reputam por mais gratos momentos os que passam na solidão, entregues á propria imaginação, que ás vezes lhes põe sceptros na mão, ou mitras na cabeça, que lhes varia a scena dos prazeres por mil modos, e os deslumbra com fantasticas illusões de bellezas, e de regalos. É facil, sonhando, reunir todas as felicidades possiveis, transformar o curso do sol, fazer reviver o passado, e antecipar o futuro, gosar as bellezas das estações todas, e as produções de todos os climas. Tudo isto não passará de um lisongeiro sonho, ou transição momentanea das realidades da vida para ficções aérias, que mostra a subordinação habitual da razão á imaginação.

Outros ha que receiam estar sós, e entreteem-se em successivas companhias: porém não é a differença consideravel; sonhamos na solidão, e tambem na assemblea; e o desejado fim de tudo isto é o esquecimento de nós mesmos — o somno.

*Ultimo recenseamento na Russia.* — O ultimo recenseamento deste imperio, feito com muito mais exactidão que todos os anteriores, foi publicado por Meyendorff: resulta delle que a povoação total da Russia Europea sobe a 61 milhões d'almas, sem contar o exercito e a marinha. Em nenhum dos recenseamentos passados se tinha averiguado o numero das mulheres, e alguns pensavam que era o duplo do numero de homens; agora sabe-se que no anno de 1838 não passava de 32:023:000 pessoas do sexo feminino: ora se aggregar-mos o immenso exercito e consideravel marinha russiana ao numero restante, a differença entre os sexos não será mais de um em cada 30 individuos, isto é, 31 mulheres para 30 homens, e como as casualidades recahem geralmente sobre os varões, segue-se que o numero dos nascidos quer d'um quer do outro sexo será quasi igual, como succede em quasi todos os paizes. A povoação da Polonia Russiana era de 4:200:000 almas; dando-se ás regiões do Caucaso 2:000:000, teremos que o Autocrata moscovita impera sobre 67 milhões de habitantes. Abaixo da China é a Russia o mais populoso imperio.

#### PUBLICAÇÕES LITHOGRAPHICAS.

É PARA nós objecto da maior satisfação o ter de annunciar aos nossos leitores uma obra nova, um aperfeiçoamento da industria ou das artes, um progresso, emfim, feito em Portugal, no caminho da civilisação, e se alguma destas cousas passa sem a mencionarmos, é porque aquelles, a quem isso principalmente importava, não no-lo communicaram, ou o não soubemos por algum outro meio. Desgraçadamente não nos temos visto obrigados a gastar muitas paginas deste jornal com semelhantes materias: todavia já fallámos, além de varias outras cousas, ácerca da lithographia, e hoje ao que dissemos accrescentaremos mais algumas palavras, que servirão para completar o nosso antecedente artigo sobre a lithographia portugueza a pag. 106 deste vol.

As duas produções lithographicas mais importantes, que ultimamente appareceram, foram a estampa do 3.º quadro historico do Sr. Castilho, desenhada pelo Sr. Fonseca, e o retrato de Abeilard pelo Sr. Lopes, que indisputavelmente tem hoje o primeiro logar entre os lithographos. Ambas estas estampas, lithographicamente de grande merito, saíram da officina do Sr. Manuel Luiz, a quem esta formosa arte deve principalmente os progressos que em Portugal tem tido. Avultadissimas despezas ha elle feito para elevar o seu estabelecimento a um grau de perfeição unico em nosso paiz. A variedade das pedras, desde as mais triviaes, que entre nós se acham, até as mais primorosas, que se mandam vir de Alemanha, a bondade das tintas e prélos, a pericia dos officiaes, tudo nesta officina está em harmonia para a tornar digna do nome de excelente. Se em todos os ramos d'artes e industria houvera um homem como o Sr. Manuel Luiz, certo que brevemente não teriamos que invejar nada ás outras nações, como nesta arte nada lhe invejámos já.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo  
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.